

DOCUMENTOS

PROGRAMA DO PARTIDO COMUNISTA DA GRÉCIA

Impulsionada pela grande revolução socialista de Outubro, a fundação, em 1918, do Partido Comunista da Grécia (PCG) resultou do amadurecimento do desenvolvimento do movimento operário na Grécia e da sua convergência com o socialismo científico.

A vanguarda constituída pelo PCG, essa parte organizada da classe operária bem consciente da sua classe, atribuiu-se como objectivo final o derrubamento do capitalismo e a construção do socialismo e do comunismo. O partido guia-se pela teoria mundial do marxismo-leninismo. Esforça-se por assimilar essa teoria e por desenvolvê-la de modo criativo, procedendo à generalização da experiência do movimento operário e popular.

As dezenas de anos de experiência adquirida pelo movimento comunista internacional e pelo PCG confirmam que a classe operária não pode cumprir a sua missão histórica se não possuir o seu próprio partido, um partido forte, bem organizado e dotado de uma teoria sólida, quer dizer um partido de novo tipo.

O PCG adere ao princípio do internacionalismo proletário, da solidariedade internacional e da cooperação com os trabalhadores do mundo inteiro. Cumpre, por consequência, as suas obrigações internacionalistas, participa na luta pela reconstrução, a unidade e a consolidação do movimento comunista e operário internacional.

Desde a sua fundação, o PCG defendeu firmemente a URSS, o sistema socialista na Europa, assim como os outros países socialistas. Participou na Internacional Comunista (*Komintern*) e nos esforços desenvolvidos pelo movimento comunista internacional com vista a edificar uma estratégia comum contra o imperialismo. Expressou a sua solidariedade para com as lutas da classe operária mundial, com os povos que lutam pela libertação nacional, pela democracia e o socialismo. Por seu lado, o PCG, no decurso dos períodos críticos e difíceis das suas lutas, recebeu igualmente provas da solidariedade internacional e o apoio do movimento comunista e operário internacional.

O PCG é um partido profundamente patriótico e é o verdadeiro e digno herdeiro das tradições nacionais, democráticas e revolucionárias do povo grego. Bate-se contra todas as manifestações do fascismo, do nacionalismo, do chauvinismo e do racismo. Defende igualmente os direitos das minorias e dos imigrantes. Ao longo da sua história, o PCG associou a luta pelo socialismo com a luta pela independência nacional e a democracia, a luta por uma Grécia independente face às organizações imperialistas, sejam económicas, políticas ou militares. Combateu a teoria que pretendia fazer da Grécia um «parente pobre». Provou que o povo grego é capaz, antes do mais, de contar com as suas próprias forças, materiais e intelectuais. Os comunistas encontravam-se nas primeiras filas aquando dos anos heróicos do EAM [Frente

Nacional de Libertação], da Resistência Nacional, assim como durante os combates do Exército Democrático.

O PCG, ao longo dos 78 anos da sua heróica história, bateu-se contra o conceito da colaboração de classe entre os exploradores e os explorados. Em circunstâncias difíceis foi capaz de salvaguardar a sua natureza essencialmente revolucionária. Recorrendo abertamente à autocrítica, combateu os erros e os desvios que se verificaram no decurso da sua longa história tão fértil em acontecimentos, e soube fazer face às suas consequências.

O PCG luta contra as guerras imperialistas, defende a coexistência pacífica entre os povos. A ameaça de guerra estará sempre presente enquanto existir o imperialismo, fonte de guerra por excelência. O combate pela defesa da paz está indissociavelmente ligado à luta anti-imperialista e à luta pelo socialismo.

O PCG é um partido profundamente democrático. Ao longo da sua história provou ser um renhido defensor constante dos direitos democráticos, civis e sindicais do povo. A maneira como se organiza, os seus princípios e as suas regras de funcionamento, as suas ligações às massas, o seu reconhecimento do papel revolucionário da classe operária e das outras massas populares constituem uma expressão convincente do seu carácter democrático.

O PCG provou ser um defensor particularmente lúcido e inabalável da cultura do povo grego. Combateu o obscurantismo e o fanatismo. Lutou para que o povo pudesse adquirir uma educação profundamente humanista, baseada na ciência. Apoiou os esforços e o trabalho científico da intelectualidade progressista; encorajou calorosamente o papel desta no seio das lutas operárias e na luta democrática pela libertação.

Desde os primeiros tempos da sua fundação, o PCG esteve ao lado da juventude grega. Demonstrou solicitude assim como um elevado interesse pelos seus problemas e pelo seu futuro, Continua a afirmar a sua confiança na jovem geração e a contar com as suas capacidades em contribuir para a construção de um futuro socialista. Toda a sua história prova largamente que a sua existência é indispensável no seio da sociedade grega.

Em simultâneo com as suas linhas gerais, o Programa do PCG apresenta a sua estratégia de conjunto com vista ao socialismo, e também as principais tarefas da luta de classes.

1. O mundo moderno

A nossa época é a da transição do capitalismo para o socialismo

Importantes mudanças tiveram lugar na sociedade capitalista do século XX. O imperialismo, estado supremo do capitalismo, tomou forma. Foram criados os

monopólios e tiveram um papel decisivo na vida económica, social e política, engendrando uma tendência para a estagnação e para a corrupção. A economia capitalista passou a um nível superior da internacionalização do capital e da produção. O capital bancário e o capital industrial fundiram-se. Foi criado o capital financeiro ao mesmo tempo que se constituía uma oligarquia financeira. A exportação do capital adquiriu enorme importância relativamente à exportação de mercadorias. Constituíram-se associações monopolistas internacionais de capitalistas, a fim de repartir o mundo entre as maiores potências. Apareceu assim o capitalismo monopolista de Estado (CME).

No limiar do século XXI, os desenvolvimentos da situação internacional são marcados pela tentativa bárbara e desumana, por parte do imperialismo, de impor uma nova ordem mundial ao planeta. A humanidade atravessa horas de grande inquietação causada pela necessidade agressiva dos imperialistas de dominar e de submeter. Esta necessidade manifesta-se mais abertamente após a contra-revolução ocorrida nos países socialistas da Europa e a mudança negativa que se produziu na relação de forças internacional. As intervenções sem disfarce que têm lugar a todo o momento assim como a competição entre as forças imperialistas em torno da repartição dos mercados desembocam em novos laços de dependência e de submissão para certos países, na revelação de novos focos de tensão e de novas guerras locais e em acções criminosas por parte da NATO, supostamente preocupada em garantir a paz, ou ainda por parte de outras forças multinacionais. A acção dos monopólios é acompanhada por um ataque em regra e sem precedentes contra os direitos dos trabalhadores, contra o seu emprego e as suas conquistas sociais, assim como pela pilhagem dos recursos naturais do planeta.

Um número restrito de países capitalistas desenvolvidos controlam e exploram a maior parte das riquezas mundiais. Entre estes países, a posição dominante é ocupada pelos Estados Unidos, que são os primeiros a encorajar a nova ordem mundial. São essas mesmas potências que controlam as Nações Unidas. A transformação das Nações Unidas numa agência destinada a impor a sua vontade no plano internacional constitui uma violação flagrante dos seus princípios e objectivos fundamentais. A NATO tornou-se no cão de guarda do planeta e no agente da nova ordem. O papel e as responsabilidades de um certo número de organizações e associações imperialistas internacionais foram revalorizados, e entre estas encontram-se a Organização Mundial do Comércio (antigo GATT), o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), os Acordos Norte-Americanos de Comércio Livre (NAFTA) e a União Europeia (UE), que constituem os principais instrumentos de submissão das tendências objectivas para a internacionalização dos desígnios e dos planos das transnacionais. Os antigos países socialistas da Europa foram transformados num domínio onde lavra uma competição imperialista particularmente brutal. Os seus habitantes descobriram a face monstruosa da restauração capitalista e da exploração que ela comporta. Em torno das potências de ponta do sistema imperialista internacional gravita um segundo círculo de países cujas oligarquias locais tentam desempenhar o papel de pequenos chefes e de intermediários regionais, com a intenção de revalorizar as suas posições e de atribuir-se uma parte dos superlucros.

A despeito das circunstâncias favoráveis ao desenvolvimento do imperialismo internacional, as suas próprias contradições profundas e não resolvidas tornam-se cada vez mais numerosas e mais agudas. A acção das organizações capitalistas internacionais e das transnacionais aprofunda e agudiza essa contradição entre a natureza social da produção e a apropriação capitalista do lucro.

A aplicação dos regulamentos imperialistas entre Estados aprofundou a disparidade existente na divisão internacional do trabalho e do desenvolvimento. São os outros povos que pagam as contradições entre os três principais blocos capitalistas – os Acordos Norte-Americanos de Comércio Livre (NAFTA), a União Europeia (UE) e a Cooperação Económica Ásia-Pacífico – e entre os países imperialistas de ponta que os constituem, competição que se traduz por permanentes esforços com vista ao controlo e à redistribuição dos mercados e das zonas de influência.

A militarização das relações internacionais e a corrida aos armamentos – assim como o reforço das contradições no próprio seio do imperialismo e o renascimento do nacionalismo e do chauvinismo – produzem e reproduzem a violência e a guerra, aprofundam a instabilidade e aumentam consideravelmente os riscos de eclosão de um conflito militar generalizado.

Prossegue a crise geral do capitalismo, A pobreza, relativa ou absoluta, de importantes sectores da classe operária de outras camadas populares também se mantém. Aparecem novas zonas de pobreza. Não cessam de crescer as vagas de migração. Os problemas constituídos pelo desemprego, pela pobreza, pela falta de habitação, pelo trabalho nas economias paralelas ou ilegal, o crime, a delinquência, as doenças sociais, a difusão cada vez maior dos narcóticos, a prostituição e a marginalização de importantes grupos sociais adquiriram hoje dimensões impressionantes, e isso no próprio coração do mundo capitalista. A crise de valores, a manipulação dos *media*, a mercantilização do conhecimento e da cultura e a destruição massiva do ambiente marcam cada vez mais fortemente a sociedade capitalista moderna. O racismo, assim como o temor e o ódio aos estrangeiros são sistematicamente cultivados, ao mesmo tempo que prolifera o irracional, a reaparição de todo o tipo de misticismo e do fanatismo religioso. Partidos neofascistas e nacionalistas fazem a sua aparição e tornam-se de novo activos. Observa-se um deslizamento para a política reaccionária, cujas principais características são, entre outras, a opressão estatal, os constrangimentos exercidos contra os indivíduos e os direitos colectivos, ou ainda as actividades abertamente exercidas pelos serviços secretos e pelas diversas engrenagens do Estado imperialista. O parasitismo e a corrupção atingiram dimensões colossais. A actividade antiprodutiva do capital transnacional cresce incessantemente. O desenvolvimento das forças produtivas graças à utilização de novas tecnologias surge a par da destruição massiva das outras forças. Na nossa época, as enormes conquistas da ciência e da cultura humanas são estranguladas pelo forte laço do capitalismo. Os seres humanos, que nunca haviam tido à sua disposição tantas potencialidades a favor do bem-estar e da liberdade, encontram-se prisioneiros da exploração e da miséria.

Toda a realidade social moderna evidencia a necessidade de uma resposta dos trabalhadores a um dilema que nunca se mostrou tão premente como hoje: ou aceitar a submissão, o agravamento constante das suas condições de vida, a regressão e o obscurantismo; ou escolher a via da resistência contra as opções capitalistas que actualmente prevalecem, contra o imperialismo e os monopólios, a fim de derrubar a dominação e o poder destes e construir o socialismo.

Historicamente, o capitalismo está condenado. A necessidade e oportunidade do socialismo emergem, assim como a indomável vitalidade do marxismo-leninismo, a teoria científica que mais uma vez provou a sua perenidade, o seu papel insubstituível como ferramenta teórica destinada a analisar, a compreender e a provocar as mudanças revolucionárias no seio da sociedade.

As destruições contra-revolucionárias não modificaram a natureza da época presente. A fase actual, que se traduz por um recuo do movimento revolucionário internacional, é apenas temporária. Uma nova fase de ressurgimento chega já à fase de maturação no seio da luta de classes que se intensificou, da resistência da classe operária internacional e de novos fenómenos de consciencialização do povo e de presença militante. O século XXI será o século que verá reagruparem-se as forças revolucionárias empenhadas em rechaçar a ofensiva lançada pelo capital internacional e em conduzir um contra-ataque decisivo. O nosso século será testemunha de um novo impulso do movimento revolucionário mundial e de um certo número de novas revoluções sociais.

O movimento revolucionário e anti-imperialista moderno

As fileiras da classe operária mundial alargam-se cada vez mais. Novos países e povos, que sofreram o pesado jugo das transnacionais assim como uma exploração cruel por parte delas, começam a aumentar as fileiras das forças que objectivamente têm o seu lugar no seio de uma larga frente da luta anti-imperialista que abre caminho ao socialismo. O direito de cada povo de decidir o caminho a tomar para o seu desenvolvimento e de participar, numa base de igualdade, na repartição internacional do trabalho, é sinónimo da luta contra os centros imperialistas, contra as associações capitalistas e os seus diversos mecanismos internacionais. Tal direito está integralmente ligado à necessidade dessa mudança socialista que propõe como sendo matéria a discutir urgentemente.

Congregar-se e lutar contra a nova ordem imperialista mundial e contra os que exprimem tais ideias, tal é o cimento principal do processo revolucionário moderno. Tal o modo para a classe operária internacional e os povos de defender as suas conquistas e os seus direitos, de conseguir uma mudança positiva nas relações de forças internacionais e de criar as condições ideais para um novo ascenso vitorioso do movimento revolucionário.

Objectivamente, pode dizer-se que tomarão parte em conjunto nessa direcção:

- O movimento operário revolucionário nos países capitalistas;

- Os países que constroem o socialismo nas condições particularmente difíceis de dominação do capital internacional;
- Os movimentos anti-imperialistas nos países que sofrem a opressão dos centros imperialistas.

Uma acção comum levada a cabo por estas forças está em condições de combater o expansionismo e a impunidade dos imperialistas.

O movimento comunista internacional pode e deve ter um papel decisivo. A luta contra o imperialismo e pelo socialismo não pode ter sucesso substancial se o movimento comunista estiver dividido nos planos da organização e ideológico. A reconstrução do movimento comunista internacional e o seu renascimento em relação ao seu estado actual de crise e de recuo, a restauração da sua unidade na base do marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário e de uma estratégia unificada, assim como uma possibilidade de expressão que lhe seja verdadeiramente própria, são as tarefas mais urgentes que as condições presentes da luta requerem contra a unidade internacional do capital. É nesta direcção que a coordenação e a acção comum, o diálogo e a discussão sobre a identidade ideológica e a estratégia da luta anti-imperialista moderna podem e devem progredir. Este processo está indissociavelmente ligado à luta determinada contra os reformistas e os oportunistas assim como à rejeição incondicional dos seus pontos de vista e das diversas teorias que visam assimilar e manipular a classe operária.

O PCG irá em frente e, com todas as suas forças, apoiará as iniciativas que consolidem e exprimam estas orientações. Continuará a intensificar as suas próprias iniciativas, particularmente a favor da coordenação e da acção comum contra a nova ordem mundial nos Balcãs, na Europa e nas regiões mediterrânicas.

2. A Grécia no seio do sistema imperialista

O capitalismo grego encontra-se no estado último do seu desenvolvimento, quer dizer no capitalismo monopolista de Estado. No nosso país, as condições materiais favoráveis à transformação socialista existem na realidade. Tal pode ser apercebido considerando o nível de desenvolvimento que o capitalismo grego atingiu assim como as suas contradições.

A Grécia ocupa uma posição intermediária e dependente no seio do sistema imperialista mundial. Há razões históricas para tal: os inícios lentos e difíceis do capitalismo na Grécia, inícios que tiveram lugar sob a ingerência política e militar directa de poderosos estados capitalistas e nas condições de dependência em relação ao capital estrangeiro. Na Grécia, o capitalismo monopolista apareceu mais tarde do que nos países capitalistas desenvolvidos e após a criação do sistema imperialista internacional, de modo que esse mesmo capitalismo grego apoiou-se sobre uma base material e técnica relativamente fraca. Nos anos que se seguiram à ditadura, o capitalismo monopolista de Estado continuou a desenvolver-se e cresceu a sua dependência em relação ao capitalismo monopolista estrangeiro e ao imperialismo. No decorrer das últimas décadas, e particularmente nos anos 1980, a Grécia adaptou-se

de modo mais orgânico ao sistema imperialista, e isso no quadro da Comunidade Europeia (hoje União Europeia) e da NATO, por efeito da sua participação nos acordos internacionais entre os Estados.

Com o tratado de Maastricht, a intervenção do núcleo imperialista da União Europeia intensificou-se. À sua capacidade, conforme os estatutos, de intervir no plano económico juntou-se a capacidade de intervenção a nível político e militar assim como nos domínios da política externa e da pretensa segurança interna.

O capital monopolista internacional controla a economia grega e os seus principais sectores de actividade. As transnacionais e os monopólios conquistaram novas posições, penetraram mais profundamente e têm um papel directo em sectores que se mostram críticos em relação a qualquer ingerência no comportamento político e na consciência social da classe operária e do povo. O capital grego tornou-se mais estreitamente ligado aos interesses do capital monopolista internacional. A tendência dominante é a interligação entre o capital local e a sua dependência e adaptação relativamente a uma planificação mais geral. A tendência geral para a imbricação nada muda ao facto de que certas secções do capital local sejam severamente atingidas pelas transnacionais.

A economia grega mantém estreitas ligações com os três grandes eixos imperialistas. O estatuto da Grécia, de membro da União Europeia, não anula o papel dominante dos Estados Unidos, particularmente nos domínios político e militar. Nas actuais condições, a oligarquia local tende a pretender um papel de intermediário entre a União Europeia e a NATO, por um lado, e os países balcânicos e os do Mediterrâneo, por outro. Pretende aumentar a sua presença económica, política e militar na região. As suas ambições predispoem-na à participação nos planos de expansão imperialistas, enquanto a levam a erguer-se contra as ambições análogas e os planos expansionistas da oligarquia turca – o que aumenta a competição entre ambos os países e conseqüentemente os seus problemas de relacionamento mútuo. Esta situação faz aumentar as possibilidades de intervenção das forças imperialistas maiores, que podem encontrar vantagens nestas diferenças.

A Grécia caiu sob a influência das reestruturações que lhe foram impostas pelo facto de se ter tornado membro deste sistema imperialista e trata de ajustar a sua economia, orientando-se principalmente na direcção do sector de serviços.

A base da produção industrial grega diminui, enquanto os fenómenos de falências, de aquisições e de fusões se encontram em franco desenvolvimento. A economia agrícola já sofreu um grave choque. Tratam de destruir as forças produtivas válidas. A distância que separa a Grécia dos países capitalistas desenvolvidos aumenta constantemente. Estes nefastos desenvolvimentos, que constituem um fardo para o povo, são reforçados pela política de privatização – prosaicamente chamada de «menos Estado» – e de liberalização do mercado. Esta linha de conduta constitui uma expressão das regulamentações monopolistas dos Estados modernos em benefício do grande capital. Tratam de ceder sectores produtivos do Estado capitalista ao sector privado a fim de que este os submeta a uma exploração intensiva. Aumenta a colaboração entre o

Estado e os monopólios. Estão a criar-se as condições e o quadro necessário que permitam dar rédea solta à acção dos monopólios, a uma maior exploração dos trabalhadores e à pilhagem dos recursos naturais do país. O papel do Estado capitalista é o de reforçar-se como instrumento de redistribuição da riqueza em benefício da oligarquia, enquanto mecanismo destinado a suprimir e a manipular os movimentos de massas. O Estado moderno é a correia de transmissão da aplicação das decisões transnacionais e das regulamentações da União Europeia e das outras associações e agências imperialistas.

O desemprego está em alta, particularmente entre os jovens. A situação dos trabalhadores deteriora-se por causa das severas medidas de austeridade e das mudanças extraordinárias que são promovidas nas relações de trabalho com base nas linhas directrices preconizadas pelos programas oficiais. A Segurança Social, a Educação e a Saúde Pública, assim como o sistema de apoio social são objecto de ataques e degradam-se progressivamente. A situação das camadas populares mais numerosas, e mais particularmente a da classe operária, piora permanentemente. A angústia e o sentimento de insegurança em relação ao futuro crescem de dia para dia.

Produziram-se igualmente mudanças na composição do Produto Interno Bruto. No decurso dos últimos 15 anos, a percentagem de participação dos serviços aumentou, com tendência para o crescimento de serviços que se pode considerar como parasitários. A parte da indústria, das indústrias transformadoras e da economia agrícola baixou.

Também se produziram mudanças na composição das classes da sociedade grega. Aumentou o número de habitantes economicamente activos. O número de assalariados aumentou também, assim como a sua percentagem entre a população activa.

A classe operária, que continua a ser a principal força produtiva, cresceu tanto em números absolutos como relativos. Concentrou-se mais no comércio e nos serviços. A percentagem de proletários empregados nas fábricas reduziu-se fortemente. Houve um importante aumento do número de trabalhadores estrangeiros. Em certas regiões reapareceu a tendência de emigração para os países europeus. Aprofundou-se a diferenciação de classe entre o campesinato e a tendência para a diminuição geral dos seus efectivos acentuou-se, tanto em número como em percentagem relativamente ao conjunto da população economicamente activa. A percentagem da classe burguesa diminuiu também.

No decurso dos 22 anos que se seguiram ao período da ditadura, as duas vias diferentes segundo as quais se desenvolveu a sociedade grega simplificaram-se:

- A via ao serviço dos interesses das transnacionais e dos capitalistas em detrimento do povo; a via que consiste em adaptar-se e submeter-se às opções antipopulares e hostis ao mundo do trabalho tais como as que a União Europeia e a NATO impõem.
- A via que consiste na criação de uma frente democrática de luta anti-imperialista e antimonopolista, que oferece perspectivas à classe operária, às camadas inferiores e médias da população das cidades e dos campos, e aos jovens.

Não existe uma superclasse nem terceira via. Das duas, uma: ou se quer servir os monopólios, o imperialismo e o sistema capitalista, ou se quer servir o povo e criar-se simultaneamente as perspectivas verdadeiramente socialistas.

3. A natureza da revolução

A frente democrática da luta anti-imperialista e antimonopolista e a transição para o socialismo

O povo grego libertar-se-á dos laços e dos efeitos da exploração capitalista bem como da opressão e da dependência assim que a classe operária e os seus aliados provoquem a revolução socialista e procedam à construção do socialismo e do comunismo. Os desenvolvimentos internos que têm lugar na Grécia e as modificações da sua posição no seio do sistema imperialista no decurso dos anos de 1980 e na primeira metade dos anos de 1990 contribuirão para acelerar o amadurecimento das condições materiais para o socialismo na Grécia. Na nossa época, que é a da transição do capitalismo para o socialismo, a luta entre as classes dirige-se para a resolução da contradição primária entre o capital e o mundo do trabalho. A mudança revolucionária na Grécia será socialista.

A força motriz da revolução socialista será a classe operária como vanguarda, acompanhada pelos semi-proletários, os camponeses pobres e as camadas urbanas pequeno-burguesas mais oprimidas do povo. Os jovens terão um papel activo na luta pela construção do socialismo. O PCG procura convencer outros sectores das camadas médias de que os seus interesses a longo prazo estarão longe de ser servidos se o sistema capitalista persistir, de que devem colocar-se do lado das forças que combatem a favor da transformação socialista. Mesmo a neutralidade destas camadas constituirá um contributo para a transição para o socialismo. Durante o tempo que durará a construção do socialismo, as ilusões relativas ao capitalismo serão dissipadas.

Os desenvolvimentos internacionais desfavoráveis, tais como a mais firme ligação da Grécia às organizações e planos imperialistas, acentuaram a influência do factor internacional sobre a evolução e o resultado da luta pelo socialismo a nível de um só país.

A interacção entre os acontecimentos nacionais e internacionais não é contraditória com o facto de que as condições e contradições internas têm um papel de primeiro plano no processo revolucionário. O movimento revolucionário popular de cada país deveria conduzir a sua luta pelo socialismo, oferecendo desse modo o seu contributo pela melhoria da relação de forças internacional.

O movimento operário popular na Grécia deveria adquirir a capacidade de pensar, de calcular antecipadamente e de tirar proveito de todas as oportunidades que possam aparecer na Grécia favoráveis à passagem ao socialismo. Deve tirar proveito dos desenvolvimentos positivos que contribuirão para tal no plano internacional, mas deve

igualmente adaptar a sua acção às condições da luta a longo prazo. Em cada fase deve ser escolhida uma linha política que faça crescer a militância da classe operária, das forças populares e que irá desembocar na resolução da questão do poder.

Há mesmo uma outra necessidade, ainda mais urgente para o PCG, através da sua linha política, que é a de contribuir para a formação e amadurecimento do factor subjectivo favorável à revolução socialista.

A linha democrática da luta anti-imperialista e antimonopolista contribuirá para unir a grande maioria do povo a fim de que possa resistir e defender os seus interesses contra a agressividade do capital. Tal é a via que ajudará a modificar as relações de forças, que ajudará a aproximar e, sob certas condições, a provocar a transição para o socialismo. Tanto mais que no decurso dos anos precedentes esta luta está organicamente associada à luta pelo derrubamento do capitalismo. Essa luta junta as fissuras que irão minar as fundações da dominação capitalista. E criará as condições necessárias à classe operária e aos seus aliados para conquistar o poder político.

O amadurecimento das condições da transformação revolucionária socialista não será a consequência de um só acto mas de um processo que comportará altos e baixos, assim como diferentes fases, deslizamentos e viragens, os quais serão determinados pelas relações de forças, pelo empenhamento e a vontade da grande maioria da classe operária e das outras camadas do povo, por uma preparação ideológica, política e organizacional, pela força e grau de preparação do PCG, e pelo grau de revitalização dos ideais do socialismo e do comunismo.

O PCG, participando activamente no desenvolvimento da unidade e da militância da frente democrática anti-imperialista e antimonopolista, conserva ao mesmo tempo a sua independência ideológica, política e organizacional. Estima que o seu dever prático imediato é o de difundir abertamente o seu programa entre o povo, insistindo sobre a necessidade e a oportunidade da transformação socialista, e trabalhando activamente para que esses problemas em particular sejam bem compreendidos.

A frente de luta anti-imperialista e antimonopolista exprime objectivamente uma base social mais larga, representa os interesses da grande maioria das pessoas que sofrem os efeitos das acções levadas a cabo pelas transnacionais e da participação da Grécia nas organizações imperialistas, os interesses da classe operária, dos trabalhadores agrícolas, das camadas médias das cidades e dos movimentos sociais que combatem pela manutenção dos direitos democráticos e pela rejeição dos planos imperialistas urdidos em detrimento do povo e da paz. Reúne os trabalhadores dos sectores da cultura e da ciência que resistem à subcultura, à mercantilização e à manipulação.

O processo de criação da frente inicia-se com base na luta em torno dos problemas graves que ao povo e ao país dizem respeito, na confrontação política e ideológica com a oligarquia do país, com os mecanismos multiformes do Estado e com os governos e as forças políticas que representam os interesses dessa oligarquia ou aceitam servi-los. O poder da frente reside no papel preponderante da classe operária e do seu

partido, na sua unidade de acção, na sua aliança com as camadas sociais que combatem numa direcção anti-imperialista e antimonopolista.

A Frente, na sua fase inicial, começa como uma coligação constituída principalmente por forças sociais agrupadas em torno de reivindicações e de objectivos anti-imperialistas e antimonopolistas, em torno de frentes parciais de luta que mobilizam diversos segmentos de trabalhadores numa corrente popular forte e unificada. Quanto mais se desenvolvem a organização e a experiência política da classe operária e das outras camadas populares, assim como a luta de classes, mais se abrem, para a frente anti-imperialista e antimonopolista, as possibilidades de levar a cabo as transformações correspondentes no seio da relação política de forças.

O PCG procura cooperar com as forças políticas que admitem a necessidade de um conflito com o imperialismo e com os monopólios transnacionais, que defendem os direitos dos trabalhadores, tal como a soberania popular e a independência do país. Esta colaboração pode exprimir-se sob a forma de uma cooperação, ou de múltiplas fusões, e de uma acção comum centrada em determinados problemas específicos e acerca dos quais se chegou a um acordo. A experiência da acção comum mostrará até que ponto a Frente pode alargar-se e colaborar com vista a atingir outros objectivos anti-imperialistas, antimonopolistas, e até que ponto pode, seguidamente, evoluir na direcção de um acordo político.

O PCG considera os outros partidos não apenas na base das suas declarações, do seu programa e dos seus objectivos, mas interessa-se igualmente pelo modo como defendem os interesses vitais dos trabalhadores e apoiam as suas lutas. Para serem estáveis e para fornecerem um impulso e um dinamismo político à frente de luta anti-imperialista e antimonopolista, as colaborações políticas devem apoiar-se nos processos e nas coligações sociais já existentes e desenvolver a aliança entre as forças sociais. Devem apoiar-se em lutas que reconheçam na prática o poder do movimento popular. Devem combater os planos de cisão e de destruição preparados pela classe dirigente e os seus aliados.

A Frente engloba o local de trabalho e de residência. Penetrará nos sectores-chave de modo a conquistar vitórias, a conter a contra-ofensiva e a reacção dos seus adversários políticos e de classe. Exercerá uma influência sobre as forças armadas e sobre as forças de segurança de maneira a enfraquecer os esforços com vista à supressão e esmagamento da vontade popular.

No decurso da luta, e em função do nível de aprofundamento da sua natureza anticapitalista, a Frente assumirá as características de uma frente popular revolucionária organizada a partir da base e da cúpula, capaz de trazer à acção as mais amplas massas populares. Revestirá características qualitativas mais elevadas do que os movimentos de massas e as suas organizações.

Os órgãos desta frente serão os quartéis-generais da luta a todos os níveis, serão os organizadores, os dirigentes de áspersos conflitos de classe. Não se limitarão a exercer pressões e um controlo sobre o Estado burguês e sobre as outras instituições

burguesas. Mobilizarão o povo, de modo a inflectir as opções antipopulares e a não se inclinar face aos dominadores. Por meio da luta, constituirão novas instituições populares, em conflito com as instituições que legalizam a ditadura dos monopólios. Conduzirão e prepararão o povo para o uso de todas as formas de luta e ocuparão uma posição que lhes dará a possibilidade de modificar rapidamente a sua natureza, segundo o desenvolvimento da situação. Os corpos dirigentes da frente popular anti-imperialista e antimonopolista, as instituições engendradas pelo povo, que apareceram no decurso da confrontação e das lutas de classes constituirão os embriões do novo poder político da classe operária e dos seus aliados.

Direcções e objectivos de luta
tais como são retomados no programa de base

O PCG terá um papel preponderante agindo de modo que a Frente que organiza a luta determine as suas orientações e reivindicações na base de um programa bem estruturado propondo orientações e objectivos contrários e antagónicos às principais opções do capital monopolista. Um programa aberto a transformações radicais afectando os fundamentos do sistema capitalista. Não se tratará de qualquer programa esboçado segundo uma estrutura minimalista, nem de um programa de gestão da crise que o sistema atravessa. O programa deve reflectir o nível de amadurecimento das forças sociais anti-imperialistas e antimonopolistas. Deve consolidar e aprofundar a sua aliança, desenvolver a consciência social e política da classe operária e dos outros trabalhadores. A qualidade da Frente dependerá grandemente da extensão do acordo entre as forças que o edificarem, e isso em aliança com o PGC.

As orientações e os objectivos de luta do programa da Frente apresentarão uma coesão e uma hierarquia internas. Poderão ser ajustados no decurso da luta em função dos desenvolvimentos que a Frente sofrerá e da relação de forças nos planos social e político. Servirão a organização da luta por medidas e objectivos relativamente ao seguinte:

- as necessidades vitais nos planos económico, educacional e cultural da classe operária e das outras camadas populares;
- o confronto com os problemas do desemprego e com os seus efeitos;
- a defesa e alargamento das suas conquistas e dos seus direitos democráticos;
- a defesa e alargamento da base produtiva do país e das suas potencialidades no plano do desenvolvimento;
- a exigência da independência nacional e a defesa da integridade territorial do país contra a nova ordem imperialista mundial;
- a garantia da contribuição do país para a luta pela paz e para toda a espécie de medidas destinadas a afastar todas as formas de intervenção e de guerra imperialista na região e igualmente de um modo geral.

Entre as orientações e objectivos principais de luta do programa devem figurar:

- A saída da União Europeia como condição de base à utilização do potencial de desenvolvimento interno da Grécia e a uma verdadeira melhoria do nível de vida dos trabalhadores.

- A recusa em participar, de qualquer modo que seja, nos planos e intervenções imperialistas. Uma acção comum, acompanhada de outros movimentos nos países vizinhos a favor de um sistema regional de segurança alargado no Sul (Balcãs, Mediterrâneo, Médio Oriente). O arredar da teia de aranha que constitui a dependência política e militar em relação aos Estados Unidos, à União Europeia e à NATO. Saída da NATO e da União da Europa Ocidental (UEO). Retirada das bases e das armas nucleares dos Estados Unidos e da NATO. Desenvolvimento de uma acção comum com os povos e os países a fim de dismantelar a NATO e outras organizações político-militares. Uma política de defesa nacional que salvaguarde a segurança da Grécia e que assegure uma orientação anti-imperialista nas relações internacionais e na região. Não poderá ser decidida qualquer cedência de direitos soberanos a organizações imperialistas.
- Acções destinadas a tratar do problema explosivo do desemprego, da protecção do trabalho, e a assegurar um real aumento do rendimento dos trabalhadores. Indexação dos salários, pensões e subsídios. Combater a imposição de novas relações de trabalho. Redução do horário de trabalho, com plena garantia dos direitos financeiros, sociais e relativos aos seguros sociais dos trabalhadores, sejam gregos ou de nacionalidade estrangeira. Abolição das horas extraordinárias e tomada de medidas que combatam e anulem a discriminação em relação às mulheres e aos jovens. Desenvolvimento e utilização das novas tecnologias em benefício dos trabalhadores. Medidas de higiene e segurança nos locais de trabalho. Instituições que se ocupem do controlo do trabalho e submetidas às instâncias populares. Salários iguais para trabalho igual, tanto para os homens como para as mulheres, os jovens e os trabalhadores estrangeiros. Subsídios de desemprego sem limitação, iguais a 80 por cento do salário mínimo. Garantia dos direitos sociais e do direito aos serviços sociais para os desempregados durante todo o período de desemprego. Medidas de protecção especial para as pessoas com necessidades específicas assim como para os idosos. De um modo geral, defesa dos direitos das minorias. Uma reforma democrática e antimonopolista do sistema de impostos, favorável às camadas populares. Combate à evasão fiscal e às isenções de impostos em favor do grande capital. Fim das taxas sobre os produtos básicos e sobre os serviços. Efectivo controlo dos preços na produção e tomada de medidas para regular o problema dos intermediários. Preços baixos para os produtos de consumo corrente.
- Agir contra os acordos que hipotéquem o potencial de desenvolvimento do nosso país. Todos os serviços sociais e de assistência primária devem continuar no sector público. Fazer valer as reivindicações a favor do carácter público das empresas e sectores de importância estratégica (investigação, tecnologia, transportes, telecomunicações, energia, banca, recursos minerais). Todos estes sectores devem ser libertados da sua dependência dos monopólios; um controlo parlamentar e popular deve ser levado a efeito. Travar a luta destinada a reforçar, revalorizar e modernizar o sector da saúde pública, colocando o acento tónico sobre a prevenção e a protecção em matéria de doenças profissionais. Desenvolver as indústrias do Estado, a fim de fabricar produtos farmacêuticos, utensílios médicos assim como outros fornecimentos. -

Lutar para restringir e depois progressivamente eliminar as grandes empresas privadas no domínio da saúde e do bem-estar social. Agir contra a mercantilização do conhecimento e do saber. Educação pública, livre, moderna, sem barreiras profissionais a qualquer nível.

- Rejeição da Política Agrícola Comum (PAC) e do GATT, assim como dos efeitos da sua aplicação. Apoio às cooperativas agrícolas; uma linha política favorável ao seu desenvolvimento e ao pagamento das suas dívidas. Apoio a uma política de subsídio da reestruturação da produção agrícola segundo o potencial do país. Medidas de apoio aos rendimentos dos pequenos e médios camponeses, aumento dos investimentos públicos e privados aos projectos de infra-estruturas. Uma estrutura antimonopolista de medidas destinadas a apoiar a indústria ligeira e o artesanato, bem como as pequenas e médias empresas. Encorajamento à sua organização em moldes cooperativos.
- Lutar a favor da democratização da administração pública, das forças armadas e de segurança e do sistema de justiça. Protecção dos direitos sindicais nas forças armadas e nas forças de segurança. Lutar para tornar os governos locais e regionais independentes do aparelho e das opções da União Europeia e do governo central. Tomada de medidas a favor da descentralização democrática, garantindo fundos assim como competências substanciais. Estabelecimento de uma terceira forma de governo eleito. Separação da Igreja do Estado, respeito do direito às convicções religiosas. Estabelecimento de um controlo social sobre todas as formas de informação. Apoio a iniciativas tomadas por organizações sociais e governos locais no domínio da informação. Apoiar e revalorizar a televisão pública. Restringir e por fim eliminar a possibilidade de actuação do grande capital neste domínio.
- Uma acção cultural que elevará a dimensão social e a personalidade humana, e que melhorará a qualidade de vida dos trabalhadores. Programas públicos a favor de uma infra-estrutura cultural. Efectivação de um ensino estético e artístico no seio do sistema escolar do Estado.
- Oposição à mercantilização dos desportos, que não deverão ser usados para alienar e manipular os espíritos. Reforma radical e democratização da estrutura legal, de modo que o direito ao exercício físico e aos desportos se torne um direito essencial para o povo e muito particularmente para a juventude. A intenção é a de favorecer o desenvolvimento geral da personalidade, melhorar a saúde, cultivar um espírito de sã rivalidade e de alcançar uma coexistência amigável de pacífica entre os povos.
- Lutar pela protecção do ambiente. Submeter a controlos estritos e efectivos as indústrias poluentes. Promover fontes de energia renováveis; elaboração de um plano urbano baseado no critério do respeito e da protecção do ambiente. Planificação com vista a tratar o problema da poluição dos mares e da destruição das florestas.
- Medidas a favor da igualdade das mulheres no seio da família, no trabalho, e a favor da sua participação activa na actividade social e política assim como na cultura.
- Medidas para a protecção da infância e da adolescência, a fim de garantir os direitos dos jovens à educação, ao trabalho, ao desenvolvimento cultural e intelectual; medidas a favor da utilização criativa dos seus tempos livres. Luta

coordenada a fim de fazer face ao flagelo social dos narcóticos, colocando o acento sobre a prevenção.

A luta por objectivos anti-imperialistas e antimonopolistas deve ao mesmo tempo alargar o seu campo de acção à região assim como a toda a Europa. Deste modo, a coordenação da luta a um nível internacional poderá atingir simultaneamente diversos centros do imperialismo. Irá consolidar a solidariedade e a combatividade, reforçar a confiança, mobilizar e atrair novas forças da classe operária e de outras camadas populares.

A Frente de luta vai desenvolver iniciativas a um nível internacional, a fim de coordená-las com outros movimentos nacionais. Procurará pontos de apoio internacionais nos governos e organizações internacionais que defendem os interesses do desenvolvimento independente dos povos. Tomará parte activa nos movimentos de solidariedade internacional. Apoiará os povos que sofrem a política do imperialismo, as intervenções e guerras locais que ele fomenta um pouco por toda a parte. Procurará o apoio internacional mais amplo possível, particularmente nas condições críticas da crise à escala nacional, quando o imperialismo se empenha em apoiar a oligarquia de um país e em mantê-la como se de um apoio de Estado se tratasse, ao mesmo tempo que uma esfera particularmente influente.

A Frente Anti-imperialista e Antimonopolista e a questão do poder

Nas suas fileiras, a Frente englobará forças díspares, tanto do ponto de vista da sua posição social como da sua ideologia e da política que elas apoiam. Essas forças reflectirão diferentes tendências no que respeita às perspectivas e aos objectivos da luta anti-imperialista e antimonopolista.

O desenvolvimento de confrontos sociopolíticos e de conflitos de classe colocará a questão do poder na ordem do dia. O PCG dirige a sua acção de modo a que a luta anti-imperialista e antimonopolista se desenvolva e que a consciência anticapitalista da classe operária e das camadas populares se aprofunde. O PCG tenta firmemente persuadir as pessoas de que não bastará que os partidos burgueses e os seus aliados se retirem da cabeça do Estado. O Estado burguês e o seu aparelho devem ser derrubados. O novo poder popular que tem de ser criado não será outro senão o poder socialista.

Nas condições em que a luta de classes e o movimento popular se encontram em desenvolvimento, em que o processo revolucionário foi desencadeado, pode haver um governo que, enquanto instrumento do poder do popular, beneficiará da aprovação e do consentimento do povo em luta, sem eleições gerais nem outros procedimentos parlamentares. Esse governo será idêntico ao poder da classe operária e dos seus aliados ou apenas se diferenciará pela sua forma.

Em condições de conflito de classe e perante o grande declínio da influência dos partidos burgueses e dos seus aliados, um governo pode emergir de entre as forças anti-imperialistas e antimonopolistas acantonadas no parlamento, mesmo se as condições de transição revolucionária não estiverem reunidas.

A planificação das medidas governamentais visando aliviar o povo, contra o capital transnacional, a dependência e a participação da Grécia em associações imperialistas, pode mobilizar o povo e persuadi-lo da necessidade de uma ruptura mais geral com o passado.

O PCG procurará encontrar um tal governo, através da sua acção e de uma intervenção popular mais geral, a fim de contribuir para iniciar o processo revolucionário. O período de tempo que mostrará se, sim ou não, o governo quer avançar não será muito longo. A experiência mostrou que será curto. Se os acontecimentos não tomarem um rumo positivo, o governo será apeado pela reacção da classe dirigente e pela intervenção imperialista. Mas o seu derrubamento não significará necessariamente uma reviravolta completa. Pode constituir um factor susceptível de ajudar o povo a compreender melhor a necessidade do derrubamento radical do sistema capitalista.

Como quer que seja, o factor decisivo será a unidade da classe operária assim como a conquista do seu papel preponderante e o do seu partido, o PCG, no seio da Frente.

Sob a direcção do PCG que representa o segmento mais experimentado e militante da classe operária, a Frente adquirirá a capacidade de alternar rapidamente todas as formas de luta, a fim de combater a reacção e a contra-ofensiva da classe dirigente do país. Nestes momentos-chave do conflito, assim que a ruptura com o sistema capitalista estiver na ordem do dia, terão lugar realinhamentos e novas reorganizações das forças políticas. A classe operária procurará preservar a aliança e os laços com o maior número possível de forças anti-imperialistas e antimonopolistas.

A fim de que o PCG possa cumprir as tarefas da luta com vista a reunir as forças necessárias para o socialismo, o próprio partido deve ser apoiado resolutamente por toda a parte.

Deve desenvolver laços indissolúveis com a classe operária e com a juventude. Deve construir organizações fortes em cada local de trabalho, de estudo e de residência, em cada lugar onde se reúnem jovens e homens de ciência, em cada lugar nas regiões rurais. Deve reforçar constantemente a sua unidade ideológica e política, deve valorizar o seu papel de vanguarda. As condições necessárias para que o partido atinja estes objectivos são o reforço das suas características revolucionárias como partido de novo tipo, da sua assimilação permanente da teoria do marxismo-leninismo. Deve alargar-se elaborando a sua linha política e aplicando-a no decurso da sua actividade, deve renovar as suas fileiras e formar milhares de novos quadros, trabalhadores masculinos e femininos, manuais e intelectuais.

4. A construção do socialismo

As concepções do PCG acerca da construção do socialismo baseiam-se na teoria marxista-leninista e no seu enriquecimento ao longo da construção do socialismo no século XX e do debate no seio do partido. A construção do socialismo rege-se por leis gerais que se aplicam a todos os países. O ponto de partida da transição da sociedade

grega para o socialismo – quer dizer, para o nível inferior do comunismo – é a conquista revolucionária do poder pela classe operária, em colaboração com os seus aliados; a nacionalização dos principais meios de produção; a planificação socialista da economia.

As realizações da ciência e as novas tecnologias serão aproveitadas para o desenvolvimento geral da produtividade do trabalho e da produção social, de modo a assegurar emprego a todos quantos possam trabalhar, a manter o melhoramento constante das condições de vida dos trabalhadores e a elevar o nível do povo no plano do bem-estar social e cultural, baseando-se no seguinte princípio socialista: «A cada um segundo a quantidade e a qualidade do seu trabalho».

A planificação socialista da economia é a lei de base da construção do socialismo: a produção tendo por objectivo a satisfação mais ampla e mais completa das necessidades sociais, na base das melhores técnicas e da melhor tecnologia, utilizando as modernas realizações da ciência. No socialismo, as relações sociais passam por mudanças radicais.

O socialismo vai eliminar os graves problemas que os trabalhadores experimentaram sob o capitalismo, tais como o desemprego, o subemprego, o terrorismo da gestão e do Estado, a insegurança, a incerteza quanto ao futuro, o desdém e o desprezo para com o seu papel e as suas personalidades, as violações dos seus direitos e liberdades. O socialismo fornece a ocasião de usar as leis objectivas e as previsões científicas de maneira consciente e planificada, em benefício de toda a sociedade.

Seja qual for a forma que irá apresentar, o Estado socialista, do ponto de vista da sua natureza de classe, será o poder revolucionário da classe operária, a ditadura do proletariado.

Entre as suas tarefas, será necessário que o Estado socialista ponha cobro aos esforços que os capitalistas locais e a reacção internacional não deixarão de desencadear para restaurar um regime capitalista; deverá criar uma nova sociedade abolindo a exploração do homem pelo homem. A sua função será a de dirigir e será também de natureza organizacional, económica, política, cultural, educacional e defensiva. O Estado exprimirá uma forma mais elevada de democracia e apresentará como principal característica a participação activa da classe operária e do povo na resolução dos principais problemas levantados pela construção da sociedade socialista, assim como no controlo do poder e dos seus instrumentos.

A forma que deverá tomar o Estado dos trabalhadores revolucionários na Grécia será resolvida através do combate revolucionário, das duras lutas de classes, em condições que verão emergir e desenvolver-se o processo revolucionário. A história da luta de classes do movimento dos trabalhadores e dos camponeses na Grécia, nas condições específicas da luta pela libertação nacional, assim como nas revoluções socialistas, estabeleceu diversas formas de poder popular (soviets, conselhos populares para a defesa, a segurança e a distribuição alimentar, os tribunais populares, etc.).

A república socialista salvaguardará a existência dos partidos que ajam no quadro do sistema socialista. As associações sociopolíticas, como por exemplo os movimentos sociais radicais das mulheres, dos jovens e dos ecologistas. Dotados de orientações políticas, com a participação da frente anticapitalista sociopolítica durante o período revolucionário, desenvolverão o seu papel específico em conformidade com a sua base social.

As organizações sociais de massas, e particularmente os sindicatos dos trabalhadores, são os instrumentos através dos quais a classe operária controlará o seu Estado e se protegerá dos perigos da autoridade tirânica, da burocracia e dos desvios em relação ao interesse geral.

O centralismo democrático é um princípio fundamental na formação e no funcionamento do Estado socialista, no desenvolvimento da república socialista. Servirá para incentivar constantemente os trabalhadores a exercer funções no seio do poder e em relação estreita com a importância crescente da administração central. A organização social será fundada sobre novas relações de produção e distribuição que se baseiam sobre a propriedade social estatal, e muito particularmente sobre os sectores industriais dos meios de produção e da tecnologia moderna, sobre o desenvolvimento das indústrias de produtos de consumo, sobre os domínios da extracção e da energia, sobre as telecomunicações e os transportes, sobre a banca, sobre a rede do comércio externo. As novas relações económicas socialistas vão alargar-se até às principais redes de troca e de comércio, às importantes unidades turísticas, às companhias marítimas, aos *media* e aos sectores de serviços e da segurança social. O sigilo comercial será abolido.

Serão assegurados serviços gratuitos nas áreas da educação, saúde, assistência social, segurança social e equipamentos sociais em favor das crianças e dos idosos. As grandes propriedades imóveis capitalistas, assim como as dos mosteiros, das igrejas, etc., são nacionalizadas. Serão compensadas as disparidades no desenvolvimento regional. O poder socialista tomará em conta as modernas e acrescidas necessidades da classe operária, particularmente as dos trabalhadores que vivem em condições de pobreza. Tomará igualmente em conta as necessidades dos camponeses pobres e das camadas médias, assim como as necessidades específicas dos jovens, das crianças e dos adolescentes, das mulheres, assim como das necessidades e capacidades da intelectualidade operária.

O poder socialista criará as condições necessárias ao desenvolvimento e à concentração da pequena produção e de serviços fragmentados, através de diferentes tipos de socialização. Encorajará o cooperativismo por diversas formas através de medidas políticas específicas. Satisfará a intelectualidade operária procedendo a uma avaliação objectiva do valor social dos seus serviços. Aplicará uma política de estímulo para os trabalhadores que deixaram o país, encorajando-os a regressar se desejarem participar na construção do socialismo.

Lançará as bases da melhoria do nível geral de vida e de cultura, de aumento dos tempos livres como consequência lógica da redução do tempo de trabalho socialmente

necessário. Tal será alcançado progressivamente através do aumento da produtividade do trabalho. O trabalho individual será libertado do trabalho pesado, monótono e fisicamente fatigante. Tomar-se-ão as medidas que se impõem contra o analfabetismo. O direito à propriedade privada adquirida pelo trabalho será reconhecido.

Criará as condições materiais propícias à abolição de todas as fontes de exploração de classe, mas também de todas as fontes de exploração social. O processo pelo qual a exploração do homem pelo homem será totalmente abolida na Grécia, e que será certamente influenciado pelo contexto internacional, será complexo, em consequência das dificuldades que o capitalismo grego terá legado à nova sociedade pela sua participação nas organizações imperialistas internacionais.

As dificuldades serão defrontadas com a acção revolucionária das massas populares, pela socialização dos meios de produção de base, pelo alargamento das relações socialistas no comércio, nos serviços e na pequena produção; serão utilizadas todas as possibilidades para que as forças produtivas vençam as dificuldades.

O terreno central sobre o qual se poderá julgar a construção do socialismo será o desenvolvimento planificado das forças produtivas e o melhoramento das relações socialistas de produção, de modo a garantir a satisfação das necessidades humanas a um nível cada vez mais elevado. No centro da atenção deve figurar a utilização em larga escala das descobertas científicas e tecnológicas na produção e nos serviços, acompanhando sempre o desenvolvimento das forças produtivas no uso planificado e racional dos recursos materiais, financeiros e de mão-de-obra. O controlo do Estado e do trabalho deverá impedir os oportunismos, a corrupção e o mercado negro.

O poder socialista calculará a influência da lei do valor, utilizará as relações comerciais no quadro da produção planificada e da propriedade social, com a preocupação de aprofundar as relações socialistas de produção. No início da construção do socialismo, uma parte do capital não monopolista poderá ser autorizada a operar em certas condições, em função da situação e dos problemas aos quais se deverá fazer face.

Em função das condições internacionais e da confinação regional da Grécia, as relações inter-Estados mutuamente favoráveis serão desenvolvidas entre a Grécia e outros países, particularmente aqueles cujo nível de desenvolvimento, a natureza dos problemas e os interesses directos possam garantir uma tal cooperação benéfica.

A Grécia, que se situa na encruzilhada de três continentes, pertence a uma região estratégica no plano geográfico, na qual, objectivamente se encontram estados e povos cujos interesses directos são os de resistir aos centros económicos, políticos e militares do imperialismo.

A linha cultural socialista, simultaneamente nos seus aspectos educativos e culturais, tende a desenvolver personalidades integrais. Associa a formação à especialização profissional e científica, e a cultura geral à emergência de uma consciência socialista que se exprime, em primeiro lugar, na atitude para com o trabalho e a propriedade social.

É com a tomada revolucionária do poder pela classe operária e os seus aliados que se inicia a transição do capitalismo para o socialismo. A luta de classes não cessa, mas modificam-se as suas formas de expressão. Os resquícios e os efeitos do capitalismo podem manter-se durante um período longo, segundo as condições particulares encontradas em cada país. A vitória da revolução socialista não pode apagar tais marcas automaticamente. Fá-lo-á avançando, conforme as condições internas e sob a influência dos desenvolvimentos internacionais. Mesmo após a construção dos fundamentos do socialismo e depois da abolição da propriedade privada capitalista, haverá uma base objectiva, material, para a agudização de antigos conflitos e a aparição de novos. Como mostrou a experiência da construção do socialismo no século XX, subestimar as contradições pode conduzir a que estas evoluam para antagonismos graves, susceptíveis de minar as estruturas socialistas, de reforçar elementos contra-revolucionários e de favorecer o regresso ao capitalismo.

O socialismo constitui uma sociedade cujo nascimento e crescimento estão indissociavelmente ligados à acção orientadora do Partido Comunista enquanto cabeça de ponte para o progresso social. O papel preponderante de vanguarda do Partido desenvolve-se, confirma-se e consolida-se na acção e na vida. A condição prévia principal é a relação directa entre o Partido no poder e as massas, a sua ligação vital à classe operária, ao mundo do trabalho e às outras organizações populares. A construção do socialismo não é a causa da vanguarda revolucionária que exercerá o poder. É a causa da classe operária, de todo o povo.

A composição social do Partido, a política de promoção de quadros oriundos da classe operária e o desenvolvimento de um trabalho teórico e ideológico terão papel decisivo. O papel de vanguarda do Partido está igualmente ligado à sua capacidade de desenvolver e enriquecer a teoria revolucionária prosseguindo o estudo dos problemas teóricos e científicos e generalizando a experiência adquirida nos novos problemas e contradições que a construção do socialismo será chamada a resolver.

A capacidade do sistema socialista em defender-se não se limita aos esforços visando realizar o progresso nem ao desenvolvimento da economia socialista nem aos esforços para desenvolver a sua capacidade defensiva. Ela prossegue no esforço visando desenvolver a defesa ideológica da classe operária e, de um modo mais geral, do povo, fazendo-o tomar consciência de que o imperialismo não abandonará os seus esforços para minar e derrubar a nova sociedade.

O progresso na construção do socialismo dependerá da formação de um novo tipo de homem que, em condições complexas e adversas, tomará parte activa e responsável na construção do socialismo mantendo uma vigilância a todo o instante e intervindo rapidamente contra qualquer violação dos princípios.

O Partido, enquanto vanguarda da classe operária, a classe que pode exprimir e defender os interesses integrais da sociedade socialista, representa os interesses do povo. Confirma o seu papel de vanguarda e de direcção, combinando correctamente os deveres do poder e o dever de fornecer uma direcção ideológica à classe operária e às

massas populares, a fim de assegurar a sua participação activa na construção e na direcção das questões sociais e políticas.

Garantir a participação popular e o controlo social e incitar os trabalhadores a exercer as funções do poder não são nem processos espontâneos nem processos fáceis. O socialismo não será construído numa sociedade uniforme em termos de classe. A relação vital do Partido com os trabalhadores e as suas organizações de massas depende do facto de poder conservar e desenvolver as suas características revolucionárias nas mais variadas circunstâncias históricas.

O PCG concentrará a sua atenção no desenvolvimento das iniciativas populares, na utilização do papel de grupos de trabalho e de quadros experimentados e especializados, no funcionamento muito democrático dos níveis inferiores dos seus órgãos de administração e de poder.

Desenvolverá o trabalho sistemático, ideológico, político e de formação, de modo que a relação entre os trabalhadores e a propriedade socialista não se torne uma relação entre empregador e empregado. A disciplina no trabalho e as responsabilidades partilhadas não devem tornar-se uma rotina aborrecida, particularmente entre os trabalhadores que as adquiriram nas condições entusiásticas do início do período revolucionário. O PCG estará vigilante de maneira a impedir os fenómenos de comando tirânico, a discriminação e os privilégios.

Os efeitos negativos sobre a consciência socialista da classe operária e, de um modo mais geral, do povo, podem ser travados, atenuados e invertidos. Tal dependerá do grau de compreensão dos novos fenómenos e das contradições que surgirão no decurso da construção do socialismo. Dependerá da dedicação, da vigilância e da acção do Partido, do Estado socialista.

O carácter democrático e colectivo no trabalho do Partido e o respeito permanente dos princípios e das regras no seu trabalho são condições importantes para o manter ao abrigo de desvios e de violações.

O PCG, nas condições do poder, deve salvaguardar a sua orientação e a sua acção: deve empenhar-se em desenvolver o trabalho colectivo e a vida democrática no próprio seio do Partido, cultivar e utilizar a iniciativa das organizações não pertencentes ao Partido, garantir um controlo efectivo da cúpula à base e mais particularmente da base à cúpula. Deve garantir um exame crítico e autocrítico do trabalho dos quadros e, se a sua acção não for construtiva, deve estar pronto a demiti-los das suas funções.

O Partido deve ser severo com os quadros que violem os princípios e as regras do funcionamento partidário assim como a moral comunista. É uma questão de decisiva importância, particularmente para os partidos no poder que constroem o socialismo.

A despeito das grandes dificuldades do presente, nós, comunistas, conservamos o nosso optimismo. A humanidade irá avante. A classe operária tomará nas mãos o seu destino, através de uma acção comum com outras camadas oprimidas do povo.

Fortalecido por esta convicção, o PCG torna público o seu programa, esperando que as suas ideias se tornarão uma força material para uma mudança social radical. A construção do socialismo abrirá uma nova era na história da Grécia e do seu povo.

Aprovado no XVI Congresso, em Maio de 1996.

Tradução de Manuel Novo a partir da versão em francês publicada na revista belga *Études marxistes et auteurs*, N.º 40, 1997.